

**Saberes do vivido: narrativas biográficas de pessoas idosas do bairro de Tsalala, Maputo, na produção do conhecimento social sobre o envelhecimento**

*Knowledge from lived experience: biographical narratives of older people from the Tsalala neighborhood, Maputo, in the production of social knowledge about aging*

**Abílio Pedro Galengale**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Porto Alegre, RS

abiliogalengale@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-9970-6116>

*Recebido em: 3 de janeiro de 2026*

*Aceito em: 14 de maio de 2026*

### **Resumo:**

Neste artigo analiso as narrativas biográficas de pessoas idosas residentes no bairro de Tsalala, em Maputo, e compreendo-as como instrumentos epistemológicos para revelar as experiências de envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana. A pesquisa adota uma abordagem etnográfica, com entrevistas e escuta das histórias de vida como meios de acesso ao conhecimento social produzido no envelhecimento. Os resultados mostram que o envelhecimento se forma ao longo de trajetórias marcadas por deslocamentos, trabalho precário, perdas familiares, adoecimento e limites das políticas públicas. As narrativas revelam saberes construídos na experiência cotidiana e evidenciam estratégias de resistência, cuidado e produção de sentido, como redes de xitiques, poupanças, trabalho de machamba, práticas de trabalho informal, memória, religiosidade e solidariedade cotidiana, por meio das quais os idosos afirmam dignidade, pertencimento dos territórios em que habitam e continuidade da vida.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Narrativas Biográficas. Memória Coletiva. Sofrimento Social. Etnografia.

### **Abstract:**

This article analyzes the biographical narratives of older people living in the Tsalala neighborhood in Maputo, understanding them as epistemological instruments for revealing experiences of aging in contexts of urban vulnerability. The research adopts an ethnographic approach, using interviews and attentive listening to life histories as means of accessing the social knowledge produced through aging. The findings show that aging is shaped over life trajectories marked by displacement, precarious work, family losses, illness, and the limitations of public policies. The narratives reveal forms of knowledge built through everyday experience and highlight strategies of resistance, care, and meaning-making, such as xitiques networks, savings practices, subsistence farming machamba work, informal labor practices, memory, religiosity, and everyday solidarity. Through these practices, older people affirm their dignity, their sense of belonging to the territories they inhabit, and the continuity of life.

**Keywords:** Aging. Biographical Narratives. Collective Memory. Social Suffering. Ethnography.

## Introdução

Neste artigo analiso as narrativas biográficas<sup>1</sup> de pessoas idosas residentes no bairro de Tsalala, em Maputo, compreendendo-as como instrumentos metodológicos e epistemológicos para desvelar as experiências de envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana. Estas narrativas apresentam as práticas sociais por meio das quais os idosos/as produzem sentidos sobre suas trajetórias, interpretam o sofrimento social<sup>2</sup> e elaboram estratégias de sobrevivência no cotidiano. Ao narrar suas vidas, eles/as constroem leituras críticas sobre o papel do Estado, as políticas sociais, a família e o próprio processo de envelhecer, articulando vivências individuais a dinâmicas coletivas de resistência<sup>3</sup>.

O estudo fundamenta-se na pesquisa etnográfica, o qual reconhece o campo de estudo (o bairro de Tsalala), como um território atravessado por desigualdades sociais e expectativas morais. Realizar esta investigação significou enfrentar desafios éticos e emocionais, onde a precariedade das condições de vida das pessoas idosas marcada por dificuldades sociais, solidão e traumas exigiram, a mim como pesquisador, rearranjos metodológicos sucessivos. Nesse cenário, a vulnerabilidade deixou de ser apenas um objeto de investigação, passou a se tornar uma dimensão constitutiva da própria prática etnográfica que reconfigurou a minha própria relação com os parceiros de pesquisa em campo, tornando afetos e silêncios em dados etnograficamente relevantes.

---

<sup>1</sup> Eckert e Rocha explicam que as narrativas biográficas nascem do encontro entre o pesquisador e as pessoas da pesquisa. Elas são construídas a partir de conversas e entrevistas feitas ao longo do trabalho de campo, formais ou informais. Para as autoras, essas narrativas não são apenas histórias de vida individuais. Elas mostram como cada pessoa organiza suas lembranças, valores e relações ao longo do tempo. Baseadas em experiências partilhadas, revelam a ligação entre passado e presente e ajudam a compreender as relações sociais, as mudanças e as continuidades do cotidiano que formam a identidade social.

<sup>2</sup> O sofrimento social, a partir de Veena Das (Victora, 2011) refere-se às formas pelas quais a violência se inscreve no cotidiano, nos corpos e nas relações, ultrapassa o evento crítico e passa a estruturar modos de viver, sentir e compreender o mundo. Esse sofrimento não aparece apenas na memória dos fatos, mas na linguagem, nos gestos e nas práticas do dia a dia, como experiências incorporadas. Trata-se de um processo coletivo, ligado a contextos históricos e a relações de poder, que redefine os sentidos da vida e o lugar social dos sujeitos (Coelho, 2020), assim, o sofrimento social expressa tanto a dor causada pela exclusão e pela violência quanto às formas de resistência e reconstrução da vida.

<sup>3</sup> Sousa, Juliana Marques de (2020), em *Por uma antropologia da resistência*, define a resistência como um processo cotidiano e relacional presente na vida de sujeitos marcados por desigualdades e violência estrutural. A resistência não é um ato heroico, mas um modo de existir e sustentar a vida diante das tentativas de silenciamento. A autora critica leituras deterministas que reduzem os sujeitos a categorias fixas e valoriza práticas simples e éticas que diminuem os efeitos da dominação. Essas práticas produzem felicidades marginais e revelam a força criativa da vida mesmo em contextos adversos.

A pertinência desta abordagem etnográfica baseada em entrevistas não diretivas (Thiollent, 1982) e escuta atenta reside na utilização das narrativas biográficas como dispositivos que permitem às pessoas idosas construir representações individuais que remetem a um plano de memória coletiva (Halbwachs, 2006), apreendida como um processo de construção social onde o jogo entre lembrar e esquecer permite aos idosos/os selecionar e ressignificar as práticas que os constituem como produtores de conhecimento vivido. Estas histórias constroem-se a partir de identidades narrativas, conforme proposto por Ricoeur (1991) nas quais o sujeito atribui sentido à sua trajetória e a inscreve num horizonte de pertença social.

Assim, as narrativas biográficas assumem uma função epistemológica ao permitir que as pessoas idosas expressem, a partir de suas próprias experiências, formas de compreender o mundo e a si mesmas. Por meio dessas narrativas, emergem saberes construídos no cotidiano, marcados por afetos, perdas, resistências e cuidados. Enquanto formas de conhecimento situadas, essas histórias tornam visíveis modos coletivos de enfrentar a precariedade e de atribuir sentido à vida. As narrativas biográficas revelam, portanto, como o conhecimento se produz na experiência vivida e como a memória se transforma em recurso de afirmação e continuidade, mesmo em contextos de vulnerabilidade social.

### **Desenvolvimento e análise das narrativas biográficas**

Em torno metodológico e epistemológico as narrativas biográficas são relevantes neste artigo porque consistem em dispositivos por meio dos quais as pessoas idosas constroem representações individuais que remetem a um plano coletivo. Essas representações coletivas (Eckert e Rocha, 2013) expõem o estado do grupo social na evocação de sua trajetória de vida, expressa em seus modos de pensar e em seus sistemas próprios de valores que dignificam a sua existência no mundo.

As pessoas idosas, ao apresentar suas narrativas, articulam experiências de deslocamento, trabalho, perdas familiares, adoecimento e engajamento comunitário e configuram o envelhecimento como um processo social, histórico e cultural (Matta, 2010; Brigeiro, 2024), marcado por sofrimento social e por estratégias de sobrevivência no cotidiano. Essas experiências levam à revisão de seus modos de resistência diante das condições precárias geralmente impostas pelo contexto urbano em que se encontram

inseridas. A título de exemplo, Eckert (2002) e Alves (2002) destacam que a violência e o medo atravessam as experiências de envelhecer nas cidades e afetam as práticas cotidianas, bem como as percepções de segurança, pertencimento e cuidado.

Importa lembrar a relevância da narrativa biográfica para as pesquisas sobre memórias coletivas presentes nas experiências das pessoas idosas, conforme os ensinamentos de Maurice Halbwachs (2006), retomados por Eckert e Rocha (2013). Para as autoras, as memórias coletivas podem ser apreendidas como um processo narrativo de construção social. Nesse quadro, as histórias de vida cotidiana das pessoas idosas se manifestam por meio de um jogo entre lembrar e esquecer, no qual eles/as selecionam e ressignificam práticas sociais que os constituem como construtores singulares de conhecimento sobre experiências compartilhadas (Silva, 2017). Essas narrativas encontram suas bases nas identidades narrativas (Ricoeur, 1991), por meio das quais os/as idosos/as atribuem sentido às próprias trajetórias e as inscrevem em um horizonte coletivo de pertencimento e reconhecimento dos espaços que habitam.

É nesse contexto que se insere a narrativa biográfica de Dona Ana Marta, mulher idosa de 65 anos, residente no bairro de Tsalala, concedida em entrevista realizada em sua residência no dia 13 de março de 2024, por volta das 14 horas. Ao chegar, encontrei-a dentro de casa e, ao perceber minha presença, ela pediu ao neto que providenciasse uma cadeira para que eu me sentasse. A entrevista teve início na varanda, após um breve diálogo informal que se estendeu por cerca de cinco minutos, com o propósito de criar um ambiente de confiança e descontração, condição fundamental para o desenvolvimento da conversa. Em seguida, ela autorizou formalmente a gravação da conversa, dando início à construção de sua trajetória de vida, desde as experiências da infância até sua inserção no mundo do trabalho.

Ana Marta narra que nasceu em Magude, distrito da província de Maputo, se mudou de terra de nascença ainda pequena, motivo pelo qual guardou poucas lembranças desse local. Seu pai, na altura funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, por motivos de trabalho, viajava com frequência e raramente permanecia por longos períodos em um único lugar. Quando passou a trabalhar em Maputo Cidade, decidiu reunir a família, trazendo consigo a esposa, sua filha (Ana Marta) e sua sobrinha, filha de sua irmã falecida, que, antes de morrer, havia pedido que deixasse a menina sob a responsabilidade da cunhada (mãe da Ana Marta) para cuidar.

A família foi se instalar na cidade de Maputo, mais precisamente no bairro de Chamanculo, na zona conhecida como *JUNTA*, onde Ana Marta cresceu até aos onze (11) anos de idade. No entanto, devido à construção de uma estrada que passava pela zona onde moravam, foram obrigados a sair da casa. Foi nesse momento que o seu pai comprou um terreno no bairro da Machava, na zona de Baião, onde posteriormente moraram. Ana Marta, nessa altura já frequentava a Escola Primária de Lhanguene, em Chamanculo. Como o pai era assimilado, teve acesso à chamada Escola Piloto, onde concluiu a 3ª classe e continuou os estudos na Machava até a 4ª classe. Posteriormente, ingressou na Escola Preparatória da Matola, onde estudou do 1º ao 2º ano. Como essa escola oferecia apenas o ensino até o 2º ano, ela regressou à Escola Secundária de Lhanguene, onde, de forma coincidente, o ensino secundário havia sido recentemente introduzido, foi o espaço em que concluiu o 4º ano de escolaridade. Nesse período, já em uma fase mais avançada da juventude, iniciou também suas primeiras experiências afetivas por meio do namoro.

O seu ingresso no mundo do trabalho aconteceu de forma inesperada, ela conta que uma amiga sua, mais velha, que trabalhava no Ministério do Magistério, ao saber que ela frequentava um curso de dactilografia, recomendou-a à chefe dos Recursos Humanos do seu ministério. Mesmo sem ter concluído o curso, Ana Marta foi chamada pela irmã, a pedido da amiga. A princípio, hesitou, pois o trabalho ainda não fazia parte dos seus planos, mesmo assim decidiu ir se apresentar. Questionada sobre as suas habilidades, explicou que ainda estava a aprender datilografia. Apesar disso, foi aceita e admitida, assim, com apenas 19 anos, iniciou a sua vida profissional no Ministério do Comércio Externo, marcando o começo de uma nova etapa da sua trajetória.

Ana Marta e sua família se sentiram forçados a se mudar do bairro de Chamanculo em decorrência da abertura de uma estrada que abrangia sua residência. Esse episódio aparece como uma das primeiras experiências de perda e recomeço e inscreve, desde cedo, a instabilidade como elemento constitutivo de sua trajetória. Essas mudanças são narradas como experiências que reconfiguraram sua relação com o trabalho e com a cidade.

Mesmo diante dessas instabilidades estruturais, o trabalho aparece como um eixo central de identidade e de autonomia na sua trajetória. A partir dos relatos advindos de suas memórias singulares, descreve-se suas experiências de vida por meio de uma ordenação temporal que faz sentido para ela própria. Nesse processo, dona Ana Marta

exterioriza valores presentes em seu cotidiano e os incorpora, de forma singular, aos diferentes processos de socialização (Eckert e Rocha, 2013). Essas experiências permitem evidenciar as múltiplas redes de relações nas quais ela se insere, bem como as complexidades das tramas cotidianas que marcam sua inserção nos contextos sociais, nas negociações de papéis e preferências e na constituição das estruturas do eu (*self*) no desempenho dos atos que conformam a vida social. Ela descreve sua entrada precoce no mercado de trabalho e sua trajetória no Ministério do Comércio Externo como um período marcado pela estabilidade e pelo reconhecimento social e profissional.

Em contraste, Ana Marta relata que abandonou o emprego formal para dedicar-se ao comércio informal transfronteiriço, motivada pelos ganhos que obtinha em comparação ao trabalho formal. Essa decisão, em sua retrospectiva, aparece como um ponto de inflexão marcado por arrependimento, sobretudo quando o adoecimento e a perda de renda se tornaram centrais em sua vida. Ao afirmar que “... *nessa altura de facilidade de vida, nunca pensei que um dia a vida teria mudanças (...)*”, ela elabora uma leitura retrospectiva de sua trajetória laboral que evidencia, a partir da experiência vivida, a vulnerabilidade do trabalho informal e suas consequências no processo de envelhecimento, especialmente no que diz respeito à ausência de proteção social e à insegurança no presente. O sofrimento social se manifesta de forma intensa na narrativa, especialmente através das múltiplas perdas de filhos ao longo da vida.

(...) No meu casamento tive oito (8) filhos, mas esse filho teve como, a primeira filha perdeu a vida com seis (6) meses, tive 2º, tive a 3ª, tive a 4ª, tive a 5ª, destes, tive a filha (6ª) que perdeu a vida com três (3) anos. Antes desta aliás, tive um aborto, depois tive de novo uma filha que perdeu a vida com três (3) anos, de novo fiquei grávida, depois de dois (2) anos fiquei grávida de novo da minha última filha (8ª) então esta penúltima veio perder a vida aqui em Tsalala com sete (7) anos de idade, no mesmo ano que chegamos aqui no Bairro, então dos oitos (8) filhos os que estão em vida são cinco (5), dois (2) rapazes, e três (3) meninas.

A repetição dessas mortes não aparece apenas como uma dor individual, mas como parte de uma experiência compartilhada entre mulheres de sua geração, marcada pela precariedade no acesso aos serviços de saúde, pelas limitações no acompanhamento materno-infantil e pela constante exposição à incerteza. Essas perdas revelam como a maternidade se constrói em contextos de vulnerabilidade, nos quais o

cuidado com os filhos se cruza com o medo da perda e com a ausência de garantias institucionais. Ao afirmar que “então dos oitos (8) filhos os que estão em vida são cinco (5), dois (2) rapazes, e três (3) meninas”, Ana Marta não apenas enumera mortes, mas reafirma a vida que resistiu. Sua fala reinscreve a maternidade como uma trajetória marcada pela sobrevivência, pela força cotidiana e pela inscrição do sofrimento social na experiência de envelhecer.

Dona Ana Marta, quando deixou o trabalho formal, e com a queda do sucesso do trabalho informal, passa a registrar problemas de saúde, o adoecimento foi um veículo da sua entrada na Associação Hi-Phunane, aqui, a sua narrativa ganha uma inflexão decisiva.

Quando deixei o trabalho formal e depois o meu negócio informal caiu, comecei a ficar muito doente. Eu ia ao hospital muitas vezes e ninguém sabia dizer o que eu tinha. Só mais tarde descobriram que eu era hipertensa. Eu fazia consultas, tomava medicamentos, mas a tensão nunca baixava. O médico começou a fazer perguntas sobre a minha vida e eu expliquei que antes trabalhava, tinha rendimento, e que depois fiquei sem nada. Foi aí que ele disse que o meu problema não era só a doença, mas também a minha situação de vida. Ele aconselhou-me a procurar uma machamba<sup>4</sup> para trabalhar. Naquele momento achei estranho, não gostei da ideia, pensei que ele não me conhecia, que eu não tinha idade nem corpo para machamba. Mas cheguei em casa, contei ao meu marido, e ele disse que o médico estava a tentar me ajudar, que era uma forma de terapia. Foi assim que ele me ajudou a entrar na Associação Hi-Phunane. Quando comecei a frequentar a associação, encontrei pessoas, trabalho, conversa e apoio. A machamba ajudou-me a ocupar a cabeça, a recuperar forças e a voltar a sentir que eu ainda servia para alguma coisa. A partir daí, a associação passou a ser o centro da minha vida. Foi ali que comecei de novo, aprendi, trabalhei e mais tarde passei a assumir responsabilidades até chegar a secretaria da associação.

Ao acessar suas narrativas, o diagnóstico de hipertensão não a leva a interpretar sua vida apenas como um problema médico, mas como resultado direto da perda de autonomia econômica e do lugar social que ocupava anteriormente. Nas consultas médicas, ao compreender a gravidade de sua frustração, o médico recomendou que procurasse uma

---

<sup>4</sup> “*Machamba*” é uma palavra usada em Moçambique para se referir a uma pequena plantação familiar. Trata-se de um espaço de cultivo agrícola, geralmente de subsistência, onde se plantam alimentos como milho, mandioca, batata-doce, feijão, hortaliças, entre outros.

machamba para cultivo. Ao relatar essa orientação, Ana Marta reage inicialmente com estranhamento por considerar que a machamba não correspondia à sua idade, ao seu corpo e à trajetória profissional que construiu ao longo da vida. Essa reação torna visíveis as tensões entre gênero, corpo, envelhecimento e trabalho manual, no entanto, é justamente essa indicação que a conduz à associação, espaço que se transforma em eixo central de sua vida social e política.

Na narrativa a associação aparece como muito mais do que uma organização comunitária, ela se apresenta como um espaço de cuidado mútuo, de convivência e de reconstrução da dignidade na velhice. Ao falar da rotina da machamba coletiva, Dona Ana Marta destaca não só o trabalho agrícola, mas também os momentos de conversa, de partilha de preocupações e de escuta entre os membros. Esse cotidiano mostra que o cuidado não acontece de forma individual, mas nasce da convivência e do apoio entre as pessoas, em contraste com a ideia de velhice associada à dependência e ao isolamento.

Sua trajetória dentro da associação evidencia como sua biografia se transforma em capital simbólico. O domínio da escrita e das práticas administrativas, adquiridos ao longo de sua vida laboral, tornaram-se fundamentais para que ela assumisse a função de secretária e, mais tarde, a coordenação da associação. Esses saberes, reconhecidos pelos outros membros, passam a ocupar um lugar central em sua atuação cotidiana e explicam a confiança que lhe é atribuída, conforme aparece em sua própria narrativa.

**Fotografia 1** – Mulheres idosas sentadas em cadeiras e no chão, na varanda da casa de Dona Ana Marta, durante as atividades de poupança e Xitique, conversando sobre o trabalho da sua associação Hi-Phunane.



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale Maputo, 20 de novembro de 2024

Quando entrei na associação, tinha muita gente a trabalhar na machamba e eu gostei do ambiente. Naquele tempo havia apoio, água e organização. Um dia pediram que alguém fizesse um relatório e confiaram em mim, porque eu sabia escrever do meu trabalho antigo, eu já havia trabalhado, eu trabalhei nos recursos humanos, às vezes eu ficava lá para substituir a secretária do director quando não estivesse, então eu tinha noção de fazer um relatório ou uma acta. Fiz o relatório, o coordenador gostou e chamou-me para trabalhar com ele como secretária da associação. A partir daí comecei a assumir mais responsabilidades. Depois que o coordenador ficou doente e faleceu, os membros decidiram que eu continuaria o trabalho dele. Hoje continuo a segurar a associação, mesmo sem apoio. Não temos patrocinador, perdemos a água, e o processo do DUAT está parado no município há anos. Se for a conseguir o DUAT eu tenho a ideia na minha cabeça de como fazer para a Associação avançar porque o Governo não quer saber de nós os Idosos, mesmo a Acção Social e o Partido que está no poder não querem saber nada de idosos então eu acho que o que priva desenvolver a minha ideia é a falta de DUAT, sem DUAT o terreno acaba não sendo nosso. Então com a ideia que tenho talvez vai me ajudar a tirar essas vovós do sofrimento, vai tirar a nós todos do sofrimento e se nós conseguir DUAT, ideia que me gira na cabeça vai nos tirar do sofrimento.

Ao contar esse percurso, Dona Ana Marta mostra como os conhecimentos que adquiriu ao longo de sua vida profissional voltam a ter valor na velhice e passam a sustentar sua atuação dentro da associação. Esses saberes permitem que ela assuma responsabilidades, seja reconhecida pelos demais membros e ocupe uma posição central na condução do grupo. Ao mesmo tempo, sua narrativa expressa uma crítica clara à atuação do Estado e às políticas públicas voltadas para a população idosa. As dificuldades para obter o DUAT, a falta de apoio institucional e o acesso desigual a benefícios aparecem como experiências concretas de exclusão, vividas no dia a dia por meio da burocracia, da demora nas respostas e da ausência de cuidado por parte das instituições públicas.

Aqui em Tsalala há problema, a 1ª Secretaria do Bairro tem os seus Idosos, a Secretaria permanente de INAS também tem os seus idosos, então existe uma luta de interesse com os nossos representantes, todas as actividades que acontecem no Bairro sobre a pessoa idosa são direcionadas aos idosos privilegiados em relação aos outros, e a Associação Phunane é esquecida por completo, qualquer actividade que for acontecer no Círculo de Bairro elas

levam os seus grupinhos, eu não olho para os idosos específicos, eu trabalho com todo o Bairro, se temos visita avisamos toda a comunidade que queremos todos os idosos carentes, eu não posso levar um (1) Kg de arroz dar aquele idoso que tem sabendo que há quem que não tem sequer, mas aqui no bairro acontecem coisas estranhas.

Ao afirmar que “se for a conseguir o DUAT eu tenho a ideia na minha cabeça de como fazer para a Associação avançar, porque o Governo não quer saber de nós, os idosos; mesmo a Acção Social e o partido que está no poder não querem saber nada dos idosos”, Dona Ana vai além de um desabafo pessoal, sua fala traduz uma crítica construída a partir da experiência concreta no bairro, marcada pela exclusão da Associação Hi-Phunane das atividades oficiais e pela concentração de benefícios em grupos específicos de idosos. Ao relatar a disputa de interesses entre lideranças locais, ela evidencia como as políticas públicas chegam de forma desigual, deixando de fora associações que atuam com base no cuidado coletivo e na partilha. Dessa forma, sua narrativa expõe os obstáculos institucionais que limitam as iniciativas comunitárias e revela uma compreensão política do cotidiano, na qual a luta pelo DUAT se torna símbolo da busca por reconhecimento, justiça e dignidade para todos os idosos do bairro.

Essa formulação aproxima-se do que Veena Das (1995) descreve como a inscrição da exclusão nas rotinas ordinárias da vida social e dialoga com Didier Fassin (2019), ao evidenciar que a desigualdade não se limita à distribuição de recursos materiais, mas envolve também a valoração moral da vida. O acesso diferenciado a direitos reflete juízos implícitos que definem quem merece cuidado, proteção e reconhecimento. Nesse sentido, a centralidade do DUAT ultrapassa a questão da terra e se afirma como uma condição material e simbólica para a continuidade da associação e para a sustentação das formas locais de resistência. Mesmo diante da precariedade, sua narrativa não se encerra na queixa, ao contrário, projeta possibilidades futuras, como a revitalização da associação, a construção de parcerias e a retomada de iniciativas coletivas, reafirmando a associação como um espaço de luta, pertencimento e continuidade.

Do princípio eu quero pessoas que possam colaborar e proteger a nossa Associação. O meu primeiro sonho é termos lojas, atividades, água e guardas para proteger a nossa produção. O segundo sonho é ativar o Observatório das Associações dos idosos. Houve muitos zangamentos, falta de entendimento

com as vovós e com a direção, cheguei a parar, fiquei em casa. O diretor continuou sozinho e depois voltou a me chamar, disse que queria reorganizar a Associação a partir da base e que ia patrocinar tudo. O problema é que para activar o Observatório precisamos de muitas Associações, mas quase todas já morreram. Só conheço uma em Mulotane, que tem dois poços, mas a população ocupou por causa da falta de água e as vovós são maltratadas e ficam sem água para trabalhar, sem intervenção do governo. Mesmo assim eu acho que não é impossível revitalizar a nossa Associação. Se o diretor ajudar na documentação, deslocamentos e equipamentos, eu tenho força para andar. O Observatório não é só para Maputo, queremos ir para outras províncias. O nosso trabalho vai começar pela Lei da pessoa idosa 3/2014, que no meu entender morreu, só existe nos livros. É preciso visitar quem fez a lei, como a Acção Social, os Ministérios e a Assembleia da República, para voltar a reviver a lei.

Esses projetos mostram que, para Dona Ana Marta, o envelhecimento não significa parar ou se afastar da vida social, pelo contrário, este período aparece como um tempo de responsabilidade com outros idosos que vivem em situação mais difícil. Em sua narrativa, a história de vida surge como uma forma válida de produzir conhecimento, baseada na experiência do dia a dia. Ao relacionar passado, presente e futuro, Ana Marta usa sua própria trajetória para refletir sobre os problemas que afetam os idosos, sua narrativa ajuda a compreender o envelhecimento como um processo vivido em relação com os outros, marcado por desigualdades e por ações coletivas no contexto urbano periférico de Maputo.

No caso das narrativas biográficas apresentadas por Sr. Banda Alexandre Nhocane a seguir, constituem um testemunho de transformações históricas, sociais e territoriais vividas no bairro de Tsalala. Na sua trajetória, observa-se como ele atribui sentidos tanto à própria vida quanto ao mundo social que o cerca no processo de produção da memória sobre o tempo vivido do universo pesquisado, mas também sobre o tempo negociado e representado no próprio processo de pesquisa (Eckert e Rocha, 2013).

Nascido em 1953, filho de Wilamo Nhocane e Cecília Daniel Intimba, Banda Alexandre constrói sua narrativa a partir da memória do território, das experiências de deslocamento forçado, do trabalho ao longo da vida e da crítica às transformações das

estruturas políticas, comunitárias e tradicionais. Sua história mostra que o envelhecimento não se separa da experiência histórica nem da vivência cotidiana dos espaços praticados. Ao narrar a infância, Banda Alexandre situa sua origem em Lozalite, área que hoje abriga postos de combustível, e descreve a expulsão de sua família durante o período colonial como uma ruptura fundamental de sua trajetória.

**Fotografia 2** – Sr. Banda Alexandre Nhocuane, na varanda da sua residência diante do seu material de aluguer.



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale Maputo, 08 de Agosto de 2024

Eu nasci ali em Lozalite, mas fomos tirados pelo colono. Disseram que nós não devíamos viver naquele lugar. Tivemos que sair. Tudo o que eu atravessei na minha vida vim passar aqui nesta casa. Foi aqui onde eu vivi muitas coisas boas e más. Hoje este lugar é chamado Mutuni, Tsalala. Aqui é onde ficou a minha vida.

A expulsão narrada por Sr. Banda não permanece apenas como uma lembrança distante, ligada ao passado colonial, ela se apresenta como uma experiência que marca com profundidade a sua relação com o território e com o sentimento de pertença. Ao recordar que nasceu em Lozalite e foi forçado a sair daquele espaço, Banda revela como a perda do lugar de origem reorganiza sua trajetória de vida e orienta a forma como ele se reconhece no presente.

Nos estudos sobre memória e construção da identidade social, observa-se que os sujeitos não narram suas experiências segundo uma temporalidade linear, as narrativas biográficas articulam tempos sobrepostos, nos quais passado, presente e referências às gerações anteriores se entrelaçam, e conferem sentido às experiências vividas e sustentam a elaboração dos enunciados narrativos (Eckert e Rocha, 2013), no caso de Sr. Banda, a casa onde vive atualmente concentra tanto as lembranças de sofrimento

quanto as de realização, funcionando como um marco existencial onde sua vida se inscreve. Tsalala, portanto, não se reduz a uma divisão administrativa do espaço urbano, trata-se de um território vivido, no qual se sedimentam memórias, relações sociais e formas de reconhecimento coletivo. A tentativa de renomear o bairro como Malhampswene é percebida por ele como uma ameaça à identidade local, pois desconsidera a história do lugar e as trajetórias daqueles que ali construíram suas vidas.

Hoje em dia eu fico muito triste quando ouço dizer que aqui em Tsalala agora chamam Malhampswene (...) eu conheço bem este lugar onde nós estamos a viver. Aqui é Tsalala (...) eu cresci em Tsalala, por isso, aceitar que Tsalala é Malhampswene eu faço só porque não tenho outro sítio onde posso levar a minha inquietação. Mas hoje, como *Tanana atxasile*, peço muito para que possa haver verdade. Eu choro muito por esta dor que sinto no meu coração (...) este lugar não é Malhampswene, aqui é Tsalala (...)

A disputa em torno do nome do bairro mostra que a narrativa de Banda Alexandre não se limita a uma opinião pessoal. Ao afirmar que o lugar onde vive é Tsalala, ele defende a memória coletiva construída ao longo de sua vida e da vida de outras pessoas que ali nasceram e cresceram.

O que fez com que ali no Mercado dizer que é Malhampswene, isso aconteceu porque os que estão agora não são nativos que conhece o bairro de Tsalala (...) mesmo quando esses que dizem que são estrutura do bairro ir lhes perguntar a história de Tsalala, não são capazes de te dizer, mesmo ir dizer que estou a pedir ir me mostrar em casa do régulo madzilane não conhecem, mas esse mesmo é chefe de bairro, é chefe do bairro, mas não é daqui, é daqui porque vem de onde vem porque tem um conhecido que lhe colocou para ser o que ele é (...)

Essa disputa em torno do nome do bairro mostra como as narrativas biográficas atuam como formas de resistência à perda da memória coletiva. Ao criticar o distanciamento entre as atuais lideranças locais e a história do lugar, Banda Alexandre aponta que muitos dos que hoje ocupam cargos de chefia desconhecem a trajetória do bairro de Tsalala e seus referenciais históricos. Ao afirmar que os responsáveis pela “estrutura do bairro” não sabem contar sua história nem reconhecem figuras tradicionais, como o régulo Madzilane, ele expõe um enfraquecimento da autoridade

local baseada na vivência e na memória. Nesse processo, o pertencimento ao território cede lugar à nomeação sustentada por relações pessoais e interesses políticos.

Seu relato biográfico assume, assim, um caráter político situado, pois se ancora na memória partilhada pelos grupos sociais, como propõe Halbwachs, e expressa uma crítica cotidiana às formas de poder local, em diálogo com as reflexões de James Scott. Halbwachs (2006) compreende a memória coletiva como um processo social construído no interior dos grupos, responsáveis por fornecer os quadros de referência que orientam a lembrança, a interpretação e o sentido atribuído ao passado. A memória, nesse entendimento, não se apresenta como individual nem neutra, pois se fundamenta nas posições sociais e nas relações que organizam a vida coletiva. Em diálogo com James Scott (2013), essa memória pode ser lida como um espaço de crítica, no qual grupos subalternizados elaboram interpretações próprias sobre as formas de dominação que vivenciam.

Assim como os “discursos ocultos” analisados por Scott, a memória coletiva reúne narrativas que confrontam versões oficiais da história, por meio dela, experiências de sofrimento e exclusão assumem a forma de resistência simbólica. Lembrar, portanto, constitui um ato político que nasce das margens, inscrito nas experiências ordinárias (Das, 1995) e nas disputas cotidianas por autoridade, pertencimento e direito à palavra (Scott, 2013).

Essa dimensão política da memória aparece de forma clara na trajetória de Banda Alexandre, sobretudo em sua relação com o trabalho. O trabalho ocupa um lugar central na construção de sentido de sua vida. Ao narrar sua experiência como trabalhador migrante nas minas da África do Sul, ele descreve condições bastantes desumanas: *“trabalhávamos como escravos, eu me encontrava a 22 km debaixo da terra”*. A lembrança de um acidente fatal, no qual um colega morreu no local onde ele deveria estar, marca uma ruptura definitiva com esse tipo de trabalho: *“era para eu ter morrido, algo me disse para sair dali”*. Em contraste, o trabalho realizado em Moçambique surge em sua narrativa como fonte de dignidade e continuidade da vida. A passagem pela empresa Pró-Caljú, seguida pelas atividades agrícolas e pelo trabalho informal, representa formas de autonomia e de reconstrução do sentido de viver. Assim, ao narrar sua história de trabalho, Banda Alexandre não apenas recorda o passado, mas afirma valores, escolhas e modos de existir que se opõem às experiências de exploração e exclusão.

No cotidiano atual, a velhice é narrada não como inatividade, mas como reinvenção permanente do fazer. Banda Alexandre descreve suas práticas agrícolas, a criação de patos, a produção de mudas e o aluguel de materiais de construção como estratégias de sobrevivência e afirmação de autonomia:

Aque, em casa eu crio patos como você vê (...) gosto de fazer minhas verduras, elas crescem de um bom caminho para assegurar a alimentação, faço mistura de coisas, eu planto limoeiros, tangerineiras, folhas de batata doce, ananas entre outras várias coisas, até é falta de condições gostaria de aumentar a produção, ter mais sementes para vencer a fome, porque a fome tem que ser vencida, para não haver alguma coisa para te impedir lutar contra fome, mesmo que você só tem uma e única mão ser capaz de conseguir lutar para que não seja vencido por qualquer coisa, conseguir adotar bons caminhos para conseguir algo, é pouco ou muito vai ser sucesso para você viver porque a nossa terra aceita só que que você participe na ação, não semear de qualquer maneira, é preciso que primeiro prepare a terra você vai ver a produção, isso que você vai apanhar, vai ser muito isso. Como você está a ver, a planta de pera está aqui para nós conseguir ter frutas de pera, as verduras de folha de feijão nhemba também, laranjeiras, pêra bacata.

O cuidado com as plantas, descrito com atenção em sua narrativa, revela uma ética do trabalho e uma relação profunda com a terra: *“a nossa terra aceita, só precisa que você participe na ação”*. O sentido da narrativa está na forma como o trabalho cotidiano se transforma em uma orientação para a vida. Para Banda Alexandre, trabalhar a terra expressa uma maneira de existir, marcada pelo esforço, pela paciência e pelo compromisso com o que sustenta a vida.

**Fotografia 3** – Sr. Banda Alexandre Nhocuane estica o braço e apresenta a diversidade de mudas e plantas que produz no seu quintal.



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale em sua visita. Maputo, 08 de Julho de 2024

As suas trajetórias familiares também ocupam um lugar central em sua narrativa biográfica. Ao falar da esposa falecida, das filhas e dos netos, Banda Alexandre articula afeto, frustração e responsabilidade moral. Ele reconhece as dificuldades econômicas enfrentadas pelas filhas, mas expressa dor diante do afastamento e da ausência de apoio na velhice: “

Eu posso dizer que as minhas filhas quando eu trabalhava na Procaju, eu cuidei muito bem delas, como lá tinha um armazém, e nós conseguíamos ver se quando em casa há falta de certas coisas, eu com a minha mulher tínhamos um livro de requisitar coisas e pagarmos no final do mês, eu fazia tudo isso porque eu não queria que as minhas filhas se espalhassem de um lugar para o outro, para até que as pessoas admirassem que o marido e esposa trabalham mas os filhos estão de qualquer maneira, eu não queria que elas se juntavam com amigos que não regulassem, se ensinarem o que não era certo eu não queria, eu fazia tudo, mais hoje eles me esqueceram, não me ajudam em nada, eu junto elas todas com os seus maridos, mas eu gosto de todos eles, não escolho ninguém, mas não há o familiaridade, não nos visitamos nem ajuda mútua existe entre nós.

Ainda assim, sua fala reafirma a união e a ajuda mútua como valores centrais da vida familiar, mesmo diante do afastamento e da falta de apoio, suas expectativas morais continuam orientadas pela solidariedade entre gerações. Essa posição expressa uma concepção de família baseada no cuidado recíproco e na responsabilidade compartilhada. Ao lembrar do esforço feito para proteger e orientar as filhas, ele reafirma um ideal de convivência que ultrapassa as dificuldades do presente, sua narrativa, portanto, preserva uma visão moral da família como espaço de compromisso, respeito e proteção mútua.

Essa leitura moral da vida familiar se estende à forma como Banda Alexandre avalia as instituições do presente. Em sua narrativa, ele denuncia a fragilidade das políticas públicas voltadas às pessoas idosas e a desigualdade na distribuição dos apoios sociais:

Os vovôs aqui não são vistos como nada (...) eu tirei muitas vezes as fotocópias do meu BI porque disseram para levar na casa do chefe do quarteirão, mas até hoje não sei onde ficaram esses papeis. Eu sou idoso vitalício, mas não recebi nenhum apoio, nem o dinheiro que saiu no tempo da Covid, nem os telefones que deram. Quando eu chego nas autoridades do bairro para perguntar, parece que eu estou a fazer raiva. Eu fico aqui como se

estivesse perdido num espaço vazio. Vejo pessoas que nem são vitalícias a apanhar ajuda, enquanto nós, que temos direito, ficamos de fora e ainda somos gozados.

A partir de sua experiência, Banda Alexandre critica as lideranças comunitárias, que considera distantes e pouco comprometidas com os problemas dos idosos, ele também questiona o papel das igrejas, que, segundo sua vivência, deixaram de ser espaços de acolhimento e passaram a tratar os mais pobres com desprezo. Ao afirmar que “quem não tem dinheiro para ofertar sofre humilhação”, ele expõe práticas que aprofundam a exclusão social, essas críticas nascem do cotidiano vivido e revelam como sua narrativa expressa uma leitura social atenta e fundamentada da realidade que enfrenta.

Apesar das dificuldades, Banda Alexandre mantém projetos e desejos para o futuro, sonha em melhorar sua casa, ampliar suas atividades produtivas e regularizar questões familiares e territoriais:

Eu queria aumentar o meu material de convergir mesmo fazer alguns quartos para arrendar mas não consigo alternativa como começar nem um nem outra coisa (...) Sinto uma dor forte no meu coração por viver com a minha esposa e os familiares dela não me conhecerem. Para mim, isso é importante para garantir o nosso amanhã e viver em paz.

Sua narrativa mostra que, mesmo em situações de precariedade, permanece o desejo de pensar o futuro e de preservar a dignidade, esses relatos situam sua trajetória na relação entre memória, território, trabalho e envelhecimento. A biografia, nesse contexto, permite compreender a realidade social ao revelar que o seu ser e estar no mundo na velhice que se constrói a partir da experiência vivida trazidas pelos relatos no presente.

Nessa sequência, as narrativas biográficas do Sr. Gabriel Muianga mostram igualmente como um idoso interpreta sua trajetória de vida diante das transformações históricas, das relações familiares, das experiências de deslocamento e das formas cotidianas de sobrevivência. Ao contar sua história, ele para além de contar o passado atribui sentido ao sofrimento, à injustiça, ao trabalho, à fé e ao envelhecimento, dessa forma, Gabriel se apresenta como um sujeito que pensa criticamente sobre o mundo social no qual vive.

**Fotografia 4** – Sr. Gabriel Muianga realiza atividades de regadio na machamba.



**Fonte:** Fotografia do Abílio Galengale . Maputo, 07 de agosto de 2024.

Nascido em 1954, na localidade de Chonguene, província de Gaza, Gabriel apresenta sua narrativa evocando a infância vivida em um contexto rural marcado pela centralidade da agricultura e por fortes redes de solidariedade familiar. Ele descreve o avô e o pai como homens bastante ligados à terra, grandes produtores agrícolas, cuja casa funcionava como espaço de acolhimento para outros membros da comunidade. Em sua fala, esse período aparece como um tempo de relativa estabilidade e dignidade: “as pessoas vinham buscar sobrevivência na nossa casa, não compravam, trocavam pela força de trabalho”. Essa memória da troca, do trabalho coletivo e da partilha constroi uma imagem de um passado moralmente organizado, e como contraponto às precariedades do presente.

A trajetória familiar de Gabriel é atravessada pela violência colonial, que se expressa no trabalho forçado imposto ao pai. “O meu pai ficou no trabalho forçado lá no Conselho Administrativo por causa de imposto. Trabalhou para a administração, ficou lá cerca de um ano. Quando saiu de lá, não demorou muito, veio para Lourenço Marques e ficou em casa da irmã dele. Nós viemos de Gaza para aqui”. Ao relatar a prisão do pai por se recusar a pagar imposto, Gabriel mostra como o colonialismo entrou no cotidiano das famílias, rompeu projetos de vida e impôs deslocamentos. “O meu pai foi preso e ficou um ano no trabalho forçado.” Esse episódio marca uma ruptura decisiva e leva a família a sair de Gaza e migrar para Maputo. A migração, portanto, não surge como escolha, mas como imposição histórica, que dá início a uma vida urbana marcada pela instabilidade.

A escolarização ocupa um lugar central em sua narrativa, funcionando como espaço de reconhecimento e, simultaneamente, de frustração.

Eu comecei a estudar na primeira classe, depois passei para a segunda e a terceira, sempre me esforçando e mostrando habilidade. Tanta habilidade que os professores queriam saber quem era esse Gabriel que tinha feito aqueles problemas e me colocaram como chefe da turma. Mas tive que abandonar os estudos várias vezes por causa do trabalho nas quintas, nas obras e das dificuldades em casa. Mesmo assim, continuei estudando à noite, fiz cursos intensivos e fui aprovado em exames difíceis, destacando-me em matemática e português. A educação era o meu orgulho e meu projeto, mas conflitos com a família e responsabilidades precoces me obrigaram a interromper os estudos. Até hoje sinto que perdi oportunidades importantes e guardo a frustração dessa trajetória inacabada.

Gabriel conta com detalhes seu desempenho escolar e o reconhecimento dos professores: “os professores queriam saber quem era esse Gabriel que tinha feito aqueles problemas”. A escola foi o lugar onde ele se sentiu capaz, inteligente e promissor, porém, precisou interromper os estudos por causa da falta de dinheiro, conflitos na família e as obrigações de trabalho desde cedo. Essa interrupção não é apenas um contratempo, mas uma perda profunda que ainda hoje provoca sentimentos de injustiça e arrependimento, para ele, a educação continua sendo um projeto não concluído e uma referência simbólica de uma vida que poderia ter sido diferente.

As relações familiares, especialmente com o pai e os irmãos, são narradas de forma ambivalente. Gabriel expressa respeito pela figura paterna, mas também ressentimento diante das violências simbólicas e materiais sofridas no interior da família. Após a morte do pai, os conflitos se intensificam, culminando em sua expulsão da casa familiar. Ele relata esse momento como uma quebra radical de vínculos: “chegou um tempo que não deixavam comida para mim, eu tinha que me virar sozinho”. Essa passagem marca o início de um período prolongado de vulnerabilidade extrema, no qual Gabriel experimenta a ausência quase total de redes de apoio.

O sofrimento social atinge seu ponto mais intenso quando ele conta os anos que viveu na rua, entre 1994 e 2001, esse relato mostra que os idosos em Moçambique enfrentam várias formas de sofrimento social. Segundo Carvalho (2008) e Coelho (2020), esse sofrimento é um processo coletivo, histórico e marcado no corpo, nas

emoções e na vida diária das pessoas. Gabriel descreve esse período de forma direta, sem enfeites: “dormi na rua, dormia no mato, nas carcaças”. A rua aparece como espaço de exclusão, mas também como lugar onde ele encontrou formas de sobreviver, enfrentando a fome, o frio, a violência e a invisibilidade social, essas experiências mudaram profundamente sua forma de ver o mundo e a si mesmo, deixando uma velhice marcada por memórias de resistência e dor.

Autores como VÍctora (2011) e Veena Das mostram que o sofrimento não significa passividade total, mesmo em situações de dor e exclusão, surgem práticas de resistência, gestos de cuidado e formas de sobreviver, nesse caso, a religiosidade teve um papel central na reconstrução da vida de Gabriel. A aproximação com a Igreja Adventista do Sétimo Dia marcou um momento importante, ligado à descoberta de novos sentidos para a existência: “descobri verdades escondidas que eu não sabia”. A fé dá a Gabriel não só conforto espiritual, mas também disciplina moral, sentimento de pertencimento e reorganização da rotina. A religião se torna, assim, uma forma de cuidar de si, essencial para permanecer no mundo após anos de sofrimento intenso.

**Fotografias 5** – Sr. Gabriel Muianga lê a Bíblia Sagrada em sua residência.



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale. Maputo, 06 de Janeiro de 2025

No envelhecimento, o trabalho continua como eixo da dignidade. Gabriel descreve suas atividades agrícolas no bairro de Tsalala, destacando que é da machamba que tira o sustento diário: “vendo couve, matapa, nhangana... com isso compro alguma coisa para comer”. Cultivar a terra não é apenas um meio de sobrevivência, mas também uma prática que organiza o tempo, o corpo e a identidade, para ele, trabalhar é resistir à ideia de inutilidade frequentemente associada à velhice.

**Fotografia 6** – Sr. Gabriel Muianga colhendo verduras em sua machamba



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale em sua visita. Maputo, 07 de Novembro de 2024

As relações de vizinhança e a sociabilidade no bairro são narradas por Gabriel de forma crítica. Ele percebe hierarquias baseadas na posse de bens e sente-se marginalizado: “quem não tem nada fica exilado”. Essa visão mostra que o envelhecimento em contextos urbanos precários enfrenta desigualdades que afetam o reconhecimento social e o acesso a redes de apoio. Esses problemas em Moçambique têm raízes em questões estruturais, sociais e familiares e apresentam desafios que vão além da criação de políticas, incluindo a dificuldade de aplicá-las (Francisco, Fisker & Sugahara, 2013), mesmo assim, Gabriel constroi formas de conviver, apoiando-se na fé, no trabalho e em relações seletivas. Na velhice, ele continua a projetar o futuro; seus planos incluem ampliar a produção agrícola, adquirir equipamentos e alcançar maior estabilidade: “se eu tivesse dinheiro, comprava uma motobomba”. Esses relatos mostram que o envelhecimento é vivido como continuidade de aspirações, ainda que constantemente confrontado pela precariedade.

As narrativas biográficas de Gabriel Muianga evidenciam que o envelhecimento é um processo social e histórico, construído ao longo de uma vida marcada por deslocamentos, rupturas, sofrimento social e reinvenção constante. Ao contar sua história, Gabriel afirma seu lugar de fala, produz conhecimento sobre o mundo e transforma sua experiência vivida em conhecimento antropológico.

De forma complementar, as narrativas biográficas do Sr. Fernando Januário Machava revelam como uma trajetória individual se constroi na intersecção de processos históricos, transformações urbanas, precarização do trabalho e experiências de adoecimento e envelhecimento. Nascido em 1968, na Matola, Fernando inicia sua narrativa a partir da memória familiar e do lugar onde cresceu, ele descreve uma

infância marcada pelo trabalho dos pais e pela ligação entre a vida urbana e a agricultura. O pai trabalhava nos Correios de Moçambique e a mãe cuidava da machamba, como ele afirma: “o meu pai trabalhava nos Correios e a minha mãe ficava na machamba”. Essas figuras surgem como referências centrais, associadas à disciplina, ao esforço e à responsabilidade, sua memória evidencia a importância do trabalho na organização da vida familiar e como um valor transmitido desde cedo, que acompanha toda a sua trajetória.

A juventude foi bastante marcada pela guerra civil, onde a violência e o medo do recrutamento forçado afetaram seus projetos de estudo e de trabalho. Ao relatar que a mãe decidiu afastá-lo da escola e do emprego para protegê-lo, Fernando mostra como decisões familiares, tomadas em contexto histórico difícil, definem destinos individuais: “a minha mãe disse que era melhor parar, porque quem ia para a tropa ia morrer”. A interrupção dos estudos não surge apenas como um episódio isolado, mas como uma perda significativa, que atravessa sua vida e retorna em suas reflexões sobre as oportunidades que lhe foram negadas.

A entrada de Fernando no mundo do trabalho ocorreu de forma precoce e progressiva, marcada pela aprendizagem prática e pela circulação entre diferentes espaços laborais. Ele construiu sua identidade como canalizador a partir da experiência direta, do aprender fazendo, em um percurso típico de trabalhadores urbanos inseridos em mercados de trabalho instáveis. Fernando narra com orgulho o reconhecimento adquirido ao longo do tempo: “comecei sem saber nada, depois já me deixavam sozinho para fazer a instalação”. O trabalho surge como fonte de autonomia, autoestima e reconhecimento social, ao mesmo tempo em que expõe o corpo ao desgaste contínuo e à ausência de proteção social. Um dos momentos centrais de ruptura em sua narrativa biográfica é o processo de reassentamento que o levou ao bairro de Tsalala.

Um dos momentos centrais da minha vida foi o reassentamento para Tsalala. Fomos enganados pela Trak, que prometeu construir casas dignas, mas só fizeram casas de caniço para alguns líderes e idosos. Nós, jovens, ainda estávamos organizando o material quando nos mandaram sair, tiraram as casas precárias que tínhamos e nunca mais voltaram. Sentimos frustração, abandono e injustiça, enquanto a vida continuava desorganizada e difícil.

Fernando descreve esse deslocamento como uma experiência de engano, violência simbólica e perda de direitos. As promessas de habitação digna e melhores condições de vida não se concretizaram, gerando frustração e sentimento de abandono: “disseram que iam construir casas boas, mas ficamos com casas de caniço e nunca mais voltaram”. O reassentamento surge como um processo imposto, que desorganizou a vida cotidiana e aprofundou a vulnerabilidade social, revelando os efeitos concretos de políticas urbanas mal implementadas. A constituição da família ocupa um lugar ambivalente em sua narrativa. Por um lado, aparece como espaço de afeto e projeto de vida; por outro, torna-se cenário de conflitos profundos.

Tive três filhos com a minha senhora, mas eles não vivem comigo; aparecem de vez em quando e isso me dói. A separação não foi de boa, muitas coisas que ela fez me deixaram sozinho. Em 2020 tive um AVC, fiquei inconsciente e passei um ano sendo carregado para tudo. Antes disso, fui parar na cadeia sem entender nada, tudo por causa de minha esposa, e aquilo também marcou minha vida. Aos poucos comecei a me levantar, andar pelo quintal e ir sozinho ao hospital, mas meu corpo ainda não é como antes. Minha vida com a família sempre foi mistura de afeto e dor, e isso ficou na minha cabeça. Hoje vejo que o sofrimento, o trabalho pesado e tudo que passei deixaram meu corpo marcado.

A separação conjugal é relatada como um episódio de grande sofrimento emocional, que permanece ao longo do tempo e se manifesta no corpo. Fernando associa essa experiência à deterioração de sua saúde: “aquilo ficou sempre na minha cabeça, foi muito sofrimento”. A prisão, decorrente de uma acusação que ele considera injusta, intensifica essa ruptura, marcando sua trajetória com estigmatização, perda de vínculos e agravamento do sofrimento social: “fui parar na cadeia sem entender nada”. A experiência carcerária surge como um evento biográfico crítico, que redefine sua relação com o mundo, com o corpo e com as instituições.

O adoecimento, materializado no AVC sofrido em 2020, constitui um ponto de inflexão decisivo em sua narrativa. Fernando descreve minuciosamente o processo de perda da autonomia corporal e a lenta recuperação, evidenciando a transformação do corpo de instrumento de trabalho em espaço de limitação e dor: “fiquei um ano a ser carregado”. O envelhecimento passa a ser vivido de forma antecipada e abrupta, não

apenas como resultado da idade cronológica, mas como consequência acumulada de uma vida marcada por trabalho pesado, sofrimento emocional e precariedade estrutural.

**Fotografia 7** – Sr. Fernando Januário Machava em sua casa, fala sobre sua trajetória de vida.



**Fonte:** Foto do Abílio Galengale. Maputo, 25 de Setembro 2024

No cotidiano atual, a vida de Fernando organiza-se em torno de práticas de sobrevivência e redes informais de cuidado. A machamba doméstica, a ajuda de vizinhos e o apoio da igreja constituem os principais pilares de sustentação material e emocional. Ele reconhece explicitamente essa dependência: “para conseguir comer, dependendo da igreja e dos vizinhos”. Ao mesmo tempo, sua narrativa expressa forte crítica à ausência do Estado e à ineficácia das políticas de proteção social, especialmente no que se refere à Segurança Social Básica:

Eu com forme eu te disse, eu trabalhei nas empresas, e era descontado segurança social, só que eu agora que fiquei assim (doente) eu recorri lá porque lá disseram me que tinha que seguir uns documentos que dizem o respeito, fui atrás desses documentos, atestado médico, junta médica, tudo tratei e remite documento lá na segurança social, só que a resposta que vem lá, eu não me convence, eu comecei a ser descontado em 1992, enquanto que a minha empresa para de canalizar o dinheiro para segurança social em 2001, e a resposta que o sistema traz diz que eu estou inscrito na Segurança social a 5 anos, eu fui para a li fiz barulho lá, eu perguntei, como, está aqui o meu cartão, consulte o vosso sistema, o ano que eu comecei a ser descontado, eles disseram que não essa é uma forma sei lá, tentaram se defender. Irmão quando você não entende as leis, ficamos sempre prejudicados, até aqui eu só vim ficar aqui em casa. A ultima vez que eu fui para lá disseram que papa, o suicídio de invalidez, faltam 60 meses, então eu tenho que fazer a contribuição individual, se eu não faço nada, hei-de apanhar aonde esse dinheiro para poder tirar aquele dinheiro que está lá na conta.

“O dinheiro está lá, mas não querem soltar.” Essa crítica vem da experiência que ele viveu e mostra o distanciamento entre o que dizem as instituições e a realidade cotidiana das pessoas idosas em situações de pobreza. Apesar das limitações físicas e das dificuldades materiais, Fernando não se apresenta como sujeito passivo. Sua narrativa revela constantes esforços para reorganizar a vida, manter autonomia e preservar a dignidade. O trabalho residual, o cultivo da terra, a participação religiosa e as rotinas diárias funcionam como formas de resistência ao apagamento social que muitas vezes acompanha a velhice e a doença. Envelhecer, para ele, não significa se retirar da vida, mas buscar novas maneiras de existir.

As narrativas biográficas do Sr. Fernando Januário Machava revelam processos como guerra, deslocamento urbano, precarização do trabalho, falhas institucionais e envelhecimento, enquanto sua interpretação da vida, das instituições e dos espaços que habitou transforma a memória em conhecimento. Sua trajetória, marcada por continuidades, rupturas e reinvenções, afirma seu lugar de fala e configura sua narrativa como leitura crítica da realidade social.

De forma semelhante, as experiências de Dona Amélia mostram como o “ser e estar no mundo” na velhice se constroi a partir do trabalho, da família, da fé, do cuidado e da resistência cotidiana. Sua biografia evidencia como a memória serve para interpretar o mundo e reinventar a vida em contextos marcados pela precariedade urbana e pela ausência de políticas públicas eficazes. Nascida em 1958, no bairro de Tenga, Dona Amélia inicia sua narrativa situando-se em uma infância marcada pela circulação familiar e pela centralidade dos avós.

Eu quando nasci os meus pais entregaram-me aos meus avós para viver com eles, eu passei a ser filha dos meus avós, cresci lá até ir ao lar antes de sair de Tenga. Ao ir viver com os meus avós eu não achei estranho porque naquela altura era normal você nascer depois ir viver com os seus avós (...) o que aconteceu eu não sei, talvez porque eu fui a primeira (1ª) nata de casa, por causa disso eles me entregaram para eu me tornar a filha dos meus avós, foram eles que me cuidaram até eu crescer e saber o que é a vida

O fato de ter sido criada pelos avós não é apresentado como abandono, mas como forma legítima de organização social, comum àquele contexto histórico e cultural. Ela reconhece esse período como fundamental para sua formação moral e prática:

“foram eles que me cuidaram até eu crescer e saber o que é a vida”. É nesse espaço doméstico ampliado que aprendeu desde cedo o trabalho da machamba, os afazeres da casa e os valores associados à responsabilidade, à partilha e à resistência cotidiana.

A escolarização interrompida ocupa um lugar significativo em sua narrativa. “Eu estudei até a segunda 2ª classe de antigo sistema, não aproveitei tanto conhecimento da escola, mas sei escrever o meu próprio nome (...) na altura que eu estava em Tenga com os meus avós aprendi muitos trabalhos da machamba e todos os trabalhos domésticos”. Tendo frequentado apenas até a segunda classe, Dona Amélia não se apresenta como alguém “sem saber”, mas como portadora de outros conhecimentos, aprendidos na prática da vida. Ao afirmar “sei escrever o meu próprio nome”, ela reivindica uma forma específica de saber, situada e legítima, que não se mede exclusivamente pelos critérios escolares. Essa passagem evidencia como as narrativas biográficas permitem compreender outras epistemologias do cotidiano, nas quais o conhecimento se constrói no trabalho, no cuidado e na experiência.

A guerra civil emerge como um marco decisivo em sua trajetória. Dona Amélia descreve o medo constante, as ameaças diretas e a necessidade de fuga como experiências que redefiniram completamente sua vida.

Vimos viver em Tsalala durante a guerra dos Matsangas. Saí de Tenga com meu marido e fomos para a casa da minha mãe no Km-16, porque era perigoso ficar lá em Tenga. Procuramos um lugar nosso para viver e, com a ajuda da minha mãe, conseguimos o espaço de Madale Mussane, que nos disse que éramos como filhos dele. Aqui construímos nossa casa e tivemos sete filhos. Naquele tempo, tudo era mato, só havia quatro casas, e o bairro estava praticamente vazio, mas aos poucos fomos produzindo nosso espaço com trabalho e permanência.

A presença dos “Matsangas” não aparece como abstração histórica, mas como violência concreta que atravessou o cotidiano: a decisão de abandonar Tenga foi uma estratégia de sobrevivência. O deslocamento forçado para o bairro de Tsalala inaugura uma nova etapa da vida, marcada pela construção lenta de pertença em um espaço inicialmente descrito como vazio: “era mato tudo isto que está a ver”. A narrativa evidencia como o território não é dado, mas produzido socialmente por meio do trabalho, das relações e da permanência.

O acesso à terra e à moradia em Tsalala se dá através de relações pessoais e de confiança, e não por vias formais do Estado. A figura do senhor Mussane ocupa um lugar central em sua memória, representando uma forma de parentesco social que se constroi na adversidade: “você são os meus filhos”. Essa relação revela como, em contextos de precariedade urbana, o direito à moradia é mediado por redes de sociabilidade e reconhecimento moral, e não por políticas habitacionais estruturadas.

O trabalho atravessa toda a biografia de Dona Amélia como eixo fundamental de sustentação da vida. Antes e depois do casamento, é pela machamba que ela garante alimento, renda e dignidade. Ela descreve um cotidiano marcado por longas caminhadas, cultivo intensivo e venda de produtos nos mercados locais: “saía daqui a pé para Matola Gare, depois Machava”. O corpo feminino, envelhecido pelo tempo e pelo trabalho pesado, aparece como instrumento central da sobrevivência familiar. Mesmo após a morte do marido, ocorrida há nove anos, Dona Amélia mantém-se ativa, reafirmando o trabalho como condição indispensável para continuar vivendo.

**Fotografia 8** – Dona Amélia Muamba, em sua residência, sentada diante de seus canteiros de cultivo, partilha sua experiência de vida.



**Fonte:** Fotografia do Abílio Galengale. Maputo, 20 de maio de 2024

A maternidade ocupa lugar central em sua narrativa. Mãe de sete filhos, Dona Amélia descreve a criação dos filhos como uma tarefa árdua, marcada por privações materiais e esforço contínuo: “para sustentar os filhos não foi fácil”. Na velhice, o cuidado se prolonga e se intensifica na figura do sobrinho adulto com deficiência, que vive sob sua responsabilidade. Esse cuidado cotidiano redefine seu tempo, seu corpo e suas prioridades.

Aqui em casa vivo desde a muito tempo com o meu sobrinho que posso dizer que eu vivo com uma criança, é filho da minha filha que lhe nasceu em 1982 agora tem 42 anos de Idade que é deficiente tem problema da visão, dos pés,

dos dedos, é água, ou chá tenho que preparar para ele, nem conhecemos o pai, Deus deu a mim aquilo talvez está me testar talvez a minha dádiva é aquela eu também não posso dizer nada para Deus.

Ao interpretar essa experiência como prova divina “Deus deu a mim aquilo talvez está me testar” Dona Amélia inscreve o sofrimento em uma lógica moral e religiosa que lhe permite continuar cuidando, apesar do desgaste físico e emocional. O cotidiano na velhice é descrito como intensamente ativo. Dona Amélia acorda cedo, realiza tarefas domésticas, cuida do sobrinho, trabalha na machamba, seja em Tenga, Phunane ou no quintal, e participa de esquemas de poupança e xitique. Essas práticas não apenas garantem algum rendimento, mas fortalecem redes de solidariedade feminina. O cotidiano, longe de ser um tempo de descanso, é um espaço permanente de negociação entre o corpo que envelhece e a necessidade de continuar produzindo a vida.

As formas de sociabilidade aparecem como pilares fundamentais da sua sobrevivência. A Associação Hi-Phunane é narrada como espaço de trabalho coletivo, apoio mútuo e construção de autonomia feminina.

Eu trabalho na Associação Hi-Phunane desde que uma amiga me chamou, e aquela machamba foi uma salvação para mim. Eu planto verdura, recebo sementes e consigo vender sem precisar ir longe. A gente faz poupança e xitique, ajuda quem precisa e consegue um dinheirinho para ajeitar a vida. Mesmo sem água, a gente não para de trabalhar, e a associação nos mantém unidas e fortes. Todo dia eu acordo cedo, cuido da casa e do meu sobrinho, planto na machamba e participo dessas ajudas entre a gente. Todo mundo fala bem de mim, e essas amigas me ajudam a continuar vivendo.

Dona Amélia descreve a associação como decisiva nos momentos de maior dificuldade: “aquela machamba foi uma salvação”. Mesmo com problemas estruturais, como a falta de água, a associação continua a ser um espaço de resistência e partilha. As relações de vizinhança ocupam um lugar central em sua vida e funcionam como redes informais de cuidado e apoio. Ela participa do xitique com as vizinhas todas as semanas, enquanto o da associação acontece de quinze em quinze dias, e a poupança é mensal. Com o dinheiro das vendas, Dona Amélia consegue organizar a vida e responder às necessidades do dia a dia.

Na saúde, o envelhecimento aparece vivido no corpo, por meio de dores constantes, cansaço e noites mal dormidas. Esse sofrimento não se limita a

acontecimentos extremos, mas entra no cotidiano e passa a fazer parte da vida comum. Como observa Veena Das (2008), mesmo em condições difíceis, as pessoas encontram formas de seguir vivendo, incorporando o sofrimento nas práticas diárias, nos gestos e na forma de contar a própria história. Essa perspectiva orienta a leitura das narrativas de Dona Amélia Muamba, ela não se apresenta apenas pela fragilidade, mas pela capacidade de continuar, como expressa ao dizer: “mesmo assim eu consigo me virar”. A religião, vivida na Igreja Santidade, oferece apoio simbólico e emocional e ajuda a enfrentar a doença e o sofrimento. Seus projetos de vida estão ligados às relações familiares. O maior desejo de Dona Amélia é deixar um legado material e simbólico para os filhos, para que não enfrentem o mesmo sofrimento que ela viveu.

No meu coração peço sempre a Deus que os meus filhos não sofram. Por isso eu dividi as machambas e deixei espaço para cada um, para quando eu morrer o meu coração ficar em paz, porque não deixei muito, mas deixei alguma coisa para eles lembrarem de mim. O que eu ainda quero ver em vida é a nossa associação em boas condições, aquela machamba sempre foi a nossa salvação, mas agora só dependemos da chuva, quando para quase tudo morre. Se alguém olhasse por nós e reabrisse a água seria uma grande ajuda. Eu queria ser escrita para receber fundo social, porque estou a sofrer muito. Vivo de Xitoco, cacana, nhangana e matapa para vender, ando a vender na Machava, no Km-16 ou de casa em casa. Depois que o meu marido morreu, ficou tudo difícil, porque ele não deixou contribuição nenhuma.

A narrativa de Dona Amélia revela que, mesmo na velhice, ela mantém um projeto de futuro. O desejo de deixar algo para os filhos e de ver a associação em boas condições mostra que sua vida não se limita ao espaço doméstico. A machamba coletiva aparece como uma verdadeira “salvação”, pois garantiu sustento e apoio ao longo do tempo, embora hoje esteja fragilizada pela falta de água e pela ausência de apoio institucional. Ao afirmar que quer “ficar com o coração em paz”, Dona Amélia expressa a preocupação com o destino dos filhos após sua morte. Ao mesmo tempo, ao dizer que gostaria de ser inscrita para receber fundo social, reconhece os limites impostos pela idade, pelo corpo e pela viuvez. Esses elementos mostram que, mesmo diante das dificuldades, ela continua a pensar o futuro e a reivindicar formas de reconhecimento e apoio.

A narrativa biográfica de Dona Amélia Muamba mostra como uma história singular ilumina processos coletivos, como o deslocamento forçado, o trabalho feminino, o envelhecimento em contextos de pobreza, as redes de cuidado e a religiosidade. Ao contar sua vida, Dona Amélia afirma seu lugar de fala e transforma a experiência em conhecimento, evidenciando a força das narrativas biográficas como ferramentas centrais para a antropologia social.

Na mesma linha, as narrativas biográficas de Dona Beatriz Elias Nhone revelam uma trajetória marcada por deslocamentos forçados, rupturas conjugais, trabalho intenso e constantes esforços para sustentar a vida. Ao narrar sua história, Dona Beatriz constroi interpretações sobre o casamento, a família, o sofrimento, o envelhecimento e a dignidade, convertendo a experiência vivida em saber situado. Sua narrativa mostra como o envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana se organiza a partir da memória, do trabalho, das redes familiares e das estratégias cotidianas de sobrevivência.

**Fotografia 9** – Dona Beatriz Elias Nhone, mulher idosa de 63 anos, sentada numa cadeira plástica verde-escura em frente à sua residência, fala sobre sua trajetória de vida.



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale Maputo, 07 de dezembro de 2025.

Dona Beatriz nasceu em Guijã, no distrito de Chókwè, e começa sua história falando da infância e do lugar onde cresceu. Ela lembra bem o modo de vida tradicional da época e cita as autoridades locais e a família de origem, como o régulo Chomane, dos Wa-ka-Inconjane Zita. Ainda jovem, foi viver no lar da família Wa-ka-Zitha, experiência que marcou profundamente sua vida. Quando seus pais foram para Maputo por causa da Guerra dos 16 Anos, Dona Beatriz decidiu ficar em Guijã, dizendo que precisava cumprir o seu lar: “toda a minha família saiu, mas eu disse que fico”. Esse

momento mostra como os valores de responsabilidade, honra e pertença orientam suas escolhas desde cedo. O deslocamento para o bairro de Tsalala ocorre em um momento de ruptura conjugal e de redefinição da vida familiar. Após o abandono do primeiro marido e o fracasso de um segundo relacionamento, Dona Beatriz se vê diante da necessidade de garantir condições mínimas de vida para os filhos. A decisão de comprar um terreno em Tsalala é narrada como estratégia de autonomia e proteção familiar. Ela descreve minuciosamente as transformações do espaço, antes marcado por grandes árvores e terrenos amplos, posteriormente parcelados pelo município:

Quando cheguei neste Bairro não estava assim em terrenos, quando eu comprei aqui em casa passava por meio um caminho que as pessoas usavam para passar, eu tinha um espaço muito grande, naquela igreja (uma igreja que ocupa dois terrenos das direcções 30 por 45 metros) era meu espaço antes de haver o parcelamento, atrás da minha casa tinha uma mangueira muito grande, depois perto da rua tinha um cajueiro também muito grande, todo aquele espaço que está atrás da minha casa pertencia a mim, aqui em casa tinha uma árvore de Mafureira e cajueiro tão grandes, o meu terreno estava mais lá para trás, mas quando parcelaram eu virei para a rua, aquele da traz também virou para aquele lado, outros terrenos o município levou.

“Todo aquele espaço que está atrás da minha casa pertencia a mim”. A narrativa do parcelamento explicita sentimentos de perda e injustiça, revelando como processos urbanos institucionais afetam diretamente a vida das pessoas idosas. A trajetória conjugal de Dona Beatriz é atravessada por conflitos, negociações familiares e sofrimento emocional. No segundo casamento, apesar da separação, ela é posteriormente reconhecida pela família do marido como esposa legítima, o que lhe garante acesso ao subsídio da Segurança Social após a morte dele. Esse reconhecimento institucional e familiar surge como elemento central na reorganização da vida: “até agora recebo aquele dinheiro que me mandam da segurança social”. O subsídio, embora insuficiente, é integrado às estratégias econômicas domésticas e possibilita algum equilíbrio financeiro.

A família ocupa lugar central em sua narrativa, não apenas como estrutura de parentesco, mas como espaço de múltiplos papéis sociais. Dona Beatriz se define simultaneamente como mãe, pai, avó, tia e provedora: “sou pai, sou mãe, sou tia, sou tio, sou avó”. A ausência dos homens, filhos e maridos falecidos, redefine sua posição

dentro da família, reforçando sua responsabilidade moral e material. As filhas, embora adultas e parcialmente migrantes, mantêm vínculos de cooperação e reconhecimento, sustentados por diálogo, ajuda mútua e negociação cotidiana.

O trabalho aparece como eixo estruturante de toda a sua biografia. Desde a juventude até a velhice, Dona Beatriz constrói a vida por meio de atividades produtivas diversas: agricultura, venda de carvão, venda informal e construção da própria casa. O episódio da produção e comercialização de carvão revela de forma contundente sua capacidade de agência e resistência frente às adversidades, incluindo repressão policial, traições e perdas materiais. Ainda assim, ela transforma a crise em oportunidade, utilizando o lucro para adquirir o terreno onde vive atualmente: “consegui comprar aqui onde eu estou a viver hoje”. O trabalho, nesse sentido, é mais do que subsistência; é fundamento de autonomia, dignidade e pertencimento.

O cotidiano atual de Dona Beatriz é marcado por intensa atividade. Ela mantém machambas em Tenga e no Km-25, cultiva regularmente, vende produtos nos mercados e complementa a renda com o subsídio da Segurança Social. Mesmo diante das limitações impostas pela idade, ela afirma: “é lá onde cultivo quase todos os dias para conseguir comida”. O corpo envelhecido aparece como espaço de desgaste, mas também de persistência, sustentando a continuidade da vida por meio do trabalho.

As formas de sociabilidade ocupam papel fundamental em sua trajetória. A participação na Associação Hi-Phunane surge como espaço de apoio econômico, cooperação feminina e construção de segurança coletiva. A poupança rotativa permite enfrentar emergências, planejar despesas e manter a autonomia financeira: “aquele dinheiro da poupança ajuda muito”. A associação não é apenas uma estrutura econômica, mas um espaço moral de compromisso, disciplina e solidariedade.

**Fotografia 10** - Uma roda de conversas de pessoas idosas na Associação Hi-Phunane, em seus encontros rotineiros.



**Fonte:** Registro fotográfico do Abílio Galengale Maputo, 1 de maio de 2024

O envelhecimento, em sua narrativa, é vivido de forma ativa e reflexiva. Dona Beatriz reconhece as dificuldades físicas, emocionais e materiais, mas rejeita a ideia de transferir seu sofrimento para as filhas: “não quero descarregar esse sofrimento nas minhas filhas”. O diálogo aparece como principal estratégia de gestão dos conflitos familiares e de manutenção da harmonia doméstica. A conversa, segundo ela, é o verdadeiro “remédio” da vida em comum.

Seus projetos de vida são marcados pela responsabilidade intergeracional. Dona Beatriz planeja, poupa, constrói e organiza a casa pensando no bem-estar das filhas e dos netos. O cuidado com a moradia, o arrendamento de parte da casa e a gestão cuidadosa dos recursos revelam uma visão de futuro baseada na estabilidade, na união familiar e na dignidade.

As narrativas biográficas de Dona Beatriz Elias Nhone demonstra como a história singular de uma mulher idosa permite compreender processos sociais amplos: deslocamento forçado, instabilidade conjugal, trabalho feminino, informalidade, envelhecimento e redes de solidariedade. Ao narrar sua vida, Dona Beatriz afirma seu lugar de fala, transforma a experiência em conhecimento e revela a potência epistemológica das narrativas biográficas como instrumento central da antropologia.

### **Considerações finais**

Este estudo demonstrou que as narrativas biográficas das pessoas idosas do bairro de Tsalala são fundamentais para compreender o envelhecimento em contextos marcados pela desigualdade social, pela precariedade urbana e pela fragilidade das

políticas públicas. Ao longo do artigo, torna-se claro que envelhecer, para esses sujeitos, não se limita a uma fase da vida, mas resulta de um processo construído ao longo de trajetórias atravessadas pelo colonialismo, pela guerra civil, pelos deslocamentos forçados, pela informalidade do trabalho e pela falta de proteção social. Esses acontecimentos não pertencem apenas ao passado, pois permanecem presentes nos corpos, nas memórias e nas formas cotidianas de viver a velhice.

As histórias de vida analisadas mostram que o envelhecimento não pode ser entendido de forma isolada, separado das experiências acumuladas ao longo da vida. O trabalho, a perda de familiares, a doença, a migração, a relação com o território e as falhas das instituições influenciam a forma como esses idosos compreendem o presente e pensam o futuro. Nesse sentido, a velhice aparece como um tempo de continuidade, marcado por responsabilidades, valores morais e compromissos com a família, com a comunidade e com outros idosos que vivem situações semelhantes.

Ao narrar suas experiências, os idosos desafiam a ideia de que a velhice se define apenas por declínio, dependência ou perda. Suas falas revelam pessoas ativas, que constroem sentidos para a vida por meio do trabalho, do cuidado, da religião, da participação em associações e das redes de apoio comunitário. Mesmo diante do sofrimento social, essas pessoas afirmam valores como dignidade, partilha, justiça e responsabilidade coletiva. As narrativas mostram a capacidade de seguir vivendo, manter projetos e reivindicar reconhecimento, mesmo em contextos muito adversos.

As histórias de vida também mostram, de forma concreta, as limitações do Estado no acesso à saúde, à proteção social, à moradia, à terra, à água e aos direitos garantidos por lei. As dificuldades para obter documentos, benefícios sociais ou reconhecimento institucional aparecem como experiências frequentes, que geram sentimentos de exclusão, invisibilidade e injustiça. No entanto, essas narrativas não se limitam à denúncia. Elas revelam estratégias cotidianas de sobrevivência, negociação e resistência, construídas na vida diária, por meio do trabalho informal, da agricultura, da fé, da participação em associações comunitárias e das relações de vizinhança.

Ao falar de si, os idosos constroem uma crítica situada às desigualdades que atravessam suas vidas. Essa crítica não se apoia em discursos abstratos ou categorias externas, mas nasce da experiência vivida, da memória compartilhada e da observação atenta do cotidiano. Nesse processo, as narrativas biográficas transformam o sofrimento em palavras, a memória em interpretação e a experiência em conhecimento social.

Dessa forma, as narrativas biográficas não se apresentam apenas como fontes empíricas da pesquisa, mas como uma potência epistemológica. Elas permitem acessar saberes produzidos a partir da base social, enraizados no corpo, no afeto, no território e na história. Ao transformar a experiência em narrativa, os idosos/as constroem leituras próprias sobre o mundo social e sobre si mesmos, oferecendo interpretações consistentes sobre o envelhecimento, a desigualdade e as formas de viver nas periferias urbanas de Maputo.

Para a antropologia, reconhecer essas narrativas como formas legítimas de produção de conhecimento amplia as maneiras de conhecer e interpretar a realidade social. Isso também exige deslocar o olhar e reconhecer as pessoas idosas não apenas como objetos de estudo, mas como sujeitos que pensam, analisam e produzem saberes sobre suas próprias vidas. Nesse sentido, este artigo reafirma que as narrativas biográficas constituem um instrumento central para compreender o envelhecimento como experiência social, histórica e política, e como um espaço privilegiado de produção de conhecimento situado, crítico e profundamente humano.

## Referências

ALVES, Paulo César. *Narrativas de nervosas. experiência de fragilização em mulheres idosas*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA JR. Carlos E. A. (organizadores). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. P. 153 - 174.

BRIGEIRO, Mauro. *A gestão contemporânea da velhice e do envelhecimento, em 4 pontos*. Nexo Jornal, São Paulo, 13 nov. 2024. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2024/11/13/a-gestao-contemporanea-da-velhice-e-do-envelhecimento-em-4-pontos>. Acesso em: 20 fev. 2025

DAS, Veena. *"Suffering, Legitimacy and Healing: The Bhopal Case"*. In: *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Delhi: Oxford University Press, 1995.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “*Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica*”. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. P. 105–128.

ECKERT, Cornelia. “*A Cultura do Medo e as Tensões do Viver a Cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre*”. In: COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. “Coleção Antropologia e Saúde.”, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 73 – 102.

FASSIN, Didier. “*As economias morais revisitadas*”. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 53, 2019. p. 27–54.

FRANCISCO, António, FISKE, Peter & SUGAHARA, Gustavo. *Envelhecer em Moçambique: Dinâmicas do Bem-Estar e da Pobreza*. Instituto de Estudos Sócio Económicos - IESE, 2013. P. 1 – 78.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 38–45.

MOTTA, Alda Britto de. “*A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento*”. *Revista Sociedade e Estado*, Vol. 25, No. 2, 2010. P. 2025 – 250.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Campinas, Sp, Papirus, 1991.

SCOTT, James C. *A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*. Tradução de Pedro Maia Soares. Lisboa: Letra Livre, 2013, p. 35–43.

SILVA, Maurício Ferreira da. “*A Identidade narrativa em Paul Ricoeur e a relação com o lugar*”. *Revista Razão Fé*, Universidade Católica de Pelotas. 2017. P. 61 – 70.

SOUSA, Juliana Marques de. “*Por uma antropologia da resistência*”. *Gavagai*, Erechim, v. 7, n. 2, 2020. p. 33–50.

THIOLLENT, Michel J. M. (1982). *Crítica Metodológica, Investigação Social & Enquete Operária*. Com textos metodológicos de Pierre Bourdieu, Liliane Kandel, Guy M, Jchelat. Jacques Maltre, Raniero Panzjeri e Diário Lanzardo. 3ª Ed. Editora Polis 1982. VELHO, Ana Paula Machado et al. “Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores”. Educ. Pesquisa, São Paulo. 2015. vol. 41, nº. 4, p. 863-881.

VÍCTORA, Ceres. *Sufrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia*. In: Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde, 5(4), 2011.